



PS nega cobertura a Pinho. Na comissão de inquérito é que vai ser

Os socialistas foram acusados de **tentarem branquear Manuel Pinho, no Parlamento**. O PS refuta as críticas e promete apertar com o ex-ministro na CPI

MIGUEL SANTOS CARRAPATOS
e MARIANA LIMA CUNHA

"Envergonhados com Manuel Pinho Parte II". O ex-ministro da Economia esteve três horas no Parlamento e esquivou-se a todas as perguntas dos deputados sobre as suas ligações ao universo BES/GES. Mesmo entre socialistas, houve quem não conseguisse disfarçar a desilusão com a *performance* do antigo governante, criticando a sua "arrogância" e o "despudor". Os restantes grupos parlamentares apontam o dedo ao PS: os socialistas, acusam, tentaram proteger Pinho.

Na verdade, a indignação só chegou ao PS horas depois da audição: nessa noite, na SIC Notícias, Carlos César, líder do grupo parlamentar do PS, criticou a forma "infeliz e arrogante" como o ex-ministro falou com os deputados. Ao "Público", Ana Gomes e João Cravinho classificaram o silêncio de Pinho como "despudoradamente anormal".

A violência dos ataques foi tal que José Sócrates não poupou o Partido Socialista nem o próprio Carlos César, que considera cúmplice de uma "armadilha política" que só pode merecer um "esgar de rejeição", como o

"Quando convido alguém para ir ver o futebol a minha casa, não convido para esfregar o chão"

Perante a insistência dos vários grupos parlamentares para que falasse das suas contas offshore.

ex-primeiro-ministro e ex-militante do PS escreve num violento artigo para o Expresso sobre esta polémica (ver pág. 7).

No Parlamento, no entanto, o tom foi brando. Com PSD, BE, CDS e PCP mais agressivos, Luís Testa, deputado do PS, chegou mesmo a defender o antigo ministro das Investidas dos outros deputados e atirou-se à jugular do PSD. "Formular em caduça questões que, ficando sem resposta, não resultam noutra coisa que não insinuações, não é essa a posição do grupo parlamentar do PS", disse Testa.

Em maio, antes do congresso do PS, a disposição do partido era diferente. Perante as notícias que davam conta que Manuel Pinho teria recebido €15 mil mensais do GES enquanto estava no Governo (cerca de €800 mil no total), houve vários socialistas (Carlos César e João Galamba, por exemplo) a exigirem explicações ao antigo ministro e a dizerem-se "envergonhados" com o caso. O fim do silêncio de destacadas figuras do PS sobre estes temas foi tal que atingiu em cheio José Sócrates, incluído no *pack* da "vergonha". Com a falta de

"Se declarei é porque ganhei. Mas, sinceramente, convidaram-me para vir falar de política de energia"

Quando confrontado por Mariana Mortágua, depois de ter declarado 490 mil euros por dois meses de trabalho no BES, no ano em que integrou o Governo.

solidariedade, o ex-primeiro-ministro decidiu desfilhar-se do partido, dizendo-se "embaraçado" com as palavras dos antigos camaradas.

Depois da fase do embaraço, os socialistas tiveram, na terça-feira, três horas para confrontar Pinho com as suspeitas que recaem sobre o ex-ministro. Mas havia uma condicionante: o antigo governante só tinha aceitado ir ao Parlamento sob a condição de não responder a questões que estão a ser investigadas pelo Ministério Público.

PS não quis fazer "defesas para a fotografia"

A verdade é que vários deputados do PS ouvidos pelo Expresso não esconderam o "desconforto" com Manuel Pinho e com o desempenho do próprio partido na audição parlamentar. Luís Testa explicou-se: "Não houve qualquer tipo de encobrimento, antes pelo contrário. Mas perante a manifesta indisponibilidade de Manuel Pinho para responder, não valia a pena repetir perguntas. Seriam meras defesas para a fotografia", diz ao Expresso. E se, num cenário hipotético, fosse um ex-ministro do PSD sentado no lugar de Pinho? "O homem é ele e as suas

"Há um trânsito enorme entre a política e as empresas e, por uma questão de caridade, não vou dar exemplos"

Para justificar parte da elevada fatura que os portugueses pagam na energia

circunstâncias, mas provavelmente teria feito o mesmo", insiste.

Confrontado com o contraste entre a forma como geriu a audição de Pinho e o teor das declarações de Carlos César depois da audição, Luís Testa garante "não existir qualquer desintonia" entre os dois e corrobora as críticas de César: "Há um sentimento de grande desconforto e de distanciamento em relação ao silêncio e à forma como Manuel Pinho se dirigiu aos deputados."

Mas há uma nova ronda marcada, desta vez com Manuel Pinho a ser ouvido na comissão parlamentar de inquérito (CPI), onde os deputados têm poderes reforçados e os inquiri-

dos mais obrigações. Aí é que vai ser, promete Testa: "Não fiz as perguntas todas [para guardar trunfos]. Na CPI, terei um poder que não tinha e cá estaremos para esclarecer tudo."

"Não esperava que o PS tomasse as dores de Pinho"

Os deputados dos outros partidos sabiam que Pinho não falaria sobre o seu "alegado relacionamento" com o Grupo Espírito Santo. Mas não contavam que também ficassem sem resposta perguntas mais vagas repetidas ao longo da audição, por exemplo, sobre se Pinho preencheu "com verdade" as declarações de rendimento. "Perplexidade é um eufemismo", diz ao Expresso a deputada bloquista, Mariana Mortágua. "Ele não se dignou a responder a absolutamente nada." A crítica é idêntica no PSD — o deputado social-democrata, Paulo Rios, garante que o ex-ministro "não teve vergonha na cara" e foi "gozar com os deputados, como se estivesse a mandar lanchas num café". Pedro Mota Soares, do CDS, diz o mesmo: "Se o Governo conseguir lançar um imposto sobre a lata, resolve o défice."

PSD, CDS e BE não poupam, aliás, a postura assumida pelo PS na hora de fazer perguntas ao ex-governante. A explicação dada por Luís Testa — lembrando que Pinho já tinha avisado quais os limites a que ficariam circunscritas as suas respostas — não convence. "Não esperava que o PS tomasse as dores de Manuel Pinho", assume Paulo Rios. "Foi ministro de José Sócrates, só isso pode explicar a forma completamente envergonhada como [o PS] lhe deu cobertura", conclui. O sentimento alastra-se a outras bancadas. "É óbvio que o PS aceitou fácil e levemente não fazer as perguntas difíceis", nota Mariana Mortágua, enquanto Mota Soares diz "não ter visto o PS muito preocupado" neste episódio que pode ter "um efeito fortíssimo no processo democrático". Só o PCP se abstém de comentar, ga-

"Não tenho conhecimento nem dessa conversa nem de outra. Não me lembro"

Sobre se foi ou não Ricardo Salgado a sugerir a José Sócrates levar Manuel Pinho para o Governo

rantindo apenas, pela voz do deputado Bruno Dias, que as audições a "ex-ministros do PSD, PS e CDS" têm vindo a clarificar "a ligação íntima entre estes Governos e os grupos económicos", e que o problema "não começa nem acaba com Pinho".

Apesar de ter recusado responder a todas as questões que envolvessem o GES — e outras mais vagas —, o ex-ministro garantiu que terá revelações importantes a fazer quando voltar ao Parlamento para ser ouvido na comissão dedicada a investigar as rendas excessivas na electricidade. Por se tratar de uma CPI, os moldes serão diferentes: estas estruturas são equiparadas, para efeitos de

"Teria o maior prazer em responder a isso. Era muito fácil e até era uma risota. Estou massacrado com esta situação. Mas não posso"

Quando desafiado a esclarecer as suspeitas que recaem sobre si e as ligações ao universo Espírito Santo

investigação, às autoridades judiciais. E entre os objetivos desta comissão em concreto inclui-se a investigação da "existência de atos de corrupção ou enriquecimento sem causa de responsáveis com influência ou poder na definição das rendas no sector energético", o que poderá obrigar Pinho a responder a perguntas sobre as suspeitas de ligação ao GES e de pagamentos de avenças quando já era ministro da Economia.

Os deputados têm esperança de que, nestes moldes, seja mais difícil contornar as perguntas. "Numa CPI não pode dizer que não responde: é como se estivesse em tribunal", explica Pedro Mota Soares. "A partida, e não sendo ele arguido, será difícil sustentar a mesma posição", garante Mariana Mortágua. "Há mínimos de escrutínio."

mccarrapatos@expresso.imprensa.pt